

O que é ser um artista hoje?

What is to be an artist today?

Karlla Barreto Girotto¹

Este artigo se propõe a esmiuçar modos de existência como produção artística e as linhas fronteiriças que se estabelecem entre os processos de criação e produção de subjetividade.

Palavras chave: processo de criação. produção artística. produção de subjetividade. modos de existência.

This article proposes to mull over ways of existence in artistic production and the frontiers between performance, fashion and life in processes of creation and production of subjectivities.

Keywords: processes of creation. artistic production. production of subjectivity. ways of existence.

¹ Artista e pesquisadora nas áreas de artes visuais, moda e performance. É Mestranda em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade (PUC/SP) sob orientação da Profa. Dra. Suely Rolnik.

[...] trabalhar na linha de fronteira e torná-la permeável, tátil, poética – menos fronteira e mais uma zona quente e liminar, onde forças livres e disponíveis podem tanto carregar [o diagrama] de energia quanto dissolver seus planos pré-preparados. Ali as coisas se movem de modo errático.²

R. Basbaum

O que é ser um artista hoje? Essa é a pergunta que eu gostaria de responder, já sabendo que qualquer aspiração dessa natureza falha na largada porque carrega em si inúmeras outras perguntas e abre um espectro tal de digressões rizomáticas que o peso da tarefa paralisa o trabalho de antemão.

Preferiria então sustentar a pergunta mesmo em suspenso com as palavras *ser* e *artista* – a primeira, capturada pelo consumo e a segunda, ela mesma se forjou em instituição. Talvez estender a pergunta, aumentando o seu tempo e ritmo e, minimamente, tentando dissipar a nuvem que cobre o ponto de interrogação.

“O que é ser um artista hoje?” supõe perguntar o que pode ter sido um artista em outras épocas, ou ainda, o que é ser um artista desde sempre. Entendendo que, aqui, coloca-se a condicionante ‘o que faz de um sujeito um artista’ – e que precisa ser investigada.

O sujeito o verbo e o advérbio da pergunta também precisam ser esmiuçados. Sendo que todos podem tranquilamente transitar como sujeitos e isto nos fornece pistas da dimensão da coisa toda: o ser, o artista e o hoje. Capturados pelo artigo definidor que os transforma em sujeitos – com *nome* e *sobrenome* – e infinitamente piorados, pretensiosos e cheios de si, tendem a congelar qualquer tentativa de aproximação.

Melhor seria reformular a pergunta para, pelo menos, aproximar-se daquilo que parece mais precioso, sutil – a condição –, um certo tipo de existência que possibilita desdobrar a potência artística como modo de vida. Como ser um artista hoje?

A importância da pergunta reside numa hipótese – imagina-se um artista e supõe-se o que ele tem sido capaz de produzir, a quais agenciamentos se dedica, quais as relações que

² R. Basbaum. *Manual do artista-etc* p. 17.

estabelece em estruturas de pertencimento, alguns deslocamentos por entre instituições e circuitos – quais narrativas legitimam o seu fazer artístico.

Desdobra-se então um outro território, carregado de intensidades. Não há possibilidade de ponderar sobre modos de existência sem mencionar a qual tempo nos referimos, a qual mundo estamos atrelados, ou ainda, sem discorrer sobre o contemporâneo, essa coisa que gruda em todos. Torna-se imperativo fazer da palavra “*hoje*” o território abre-alas. É o atravessamento maior na frase, atrita o verbo e rasga o sujeito. Condutor, ele pode nos fornecer pistas do ‘como ser’. Considerando, ainda, que o contemporâneo é preponderante na compreensão dos meios e modos de produção de um artista, que são estratégias por demais definidoras do aparecimento de um trabalho de arte para serem ignoradas. “Como ser um artista hoje?” tem estreita relação com um tipo de sujeito e um tipo de vida, a vida-hoje.

Talvez não seja o caso, aqui, de tentar responder. Antes, distender as erupções que emergem de cada ponto de interrogação, transitar pelo que não é e estar atento à presença do incerto. Aproximar as divagações para que, minimamente, possam dar conta de fornecer pistas de qual mundo, sujeito e artista se está falando. O que produz um artista e desde qual tipo de vida-hoje? A escolha, então, é por nomear o artista de *jangadeiro* e a vida-hoje de *jangada-corsário* para que se retirem, temporariamente, os carregamentos de sentido e significado que costumam povoar as palavras artista e vida.

A jangada e o jangadeiro desde a perspectiva inventada por Deligny.

Usei a imagem da jangada para evocar o que está em jogo nessa tentativa, nem que seja para dar a ver que ela deve evitar ser sobrecarregada, sob pena de afundar ou de virar, caso a jangada esteja mal carregada, a carga mal distribuída [...] Uma jangada, sabem como é feita: há troncos de madeira ligados entre si de maneira bastante frouxa, de modo que quando se abatem as montanhas de água, a água passa através dos troncos afastados. Dito de outro modo: não retemos as questões. Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar, e os que a conceberam assim – quero dizer, a jangada – fizeram o melhor que puderam, mesmo que não estivessem em condição de construir uma embarcação. Quando as questões se abatem, não cerramos fileiras – não juntamos os troncos – para constituir uma plataforma concertada. Justo o contrário. Só mantemos do projeto aquilo que nos liga. Vocês veem a importância primordial dos liames e dos modos de amarração, e

da distância mesma que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o liame seja suficientemente frouxo e que ele não se solte.³

Assim, é possível ficcionar um tipo de vida, um tipo de artista. O *jangadeiro* e a *jangada-corsário* são também constituídos e constitutivos de uma paisagem que, aqui, é personagem – nem humana nem geográfica, é uma zona outra, aquela de ativação, troca e produção de intensidades, em que se costura “o outro a si de tal maneira que ninguém desaparece.”⁴

O contrário de um *jangadeiro* é um tipo de artista que carrega em si e consigo a Arte, o Museu, a Galeria, a Instituição, a História. É o artista que não duvida da garantia de seu nome, de sua representação e de seus objetos. Cristalizou-se em uma atualização (performatização) de um pedaço de vida e se deixou esquecer nessa pequena ilha administrada e, aparentemente, a salvo dos abalos e novos desenhos em sua paisagem artística, a salvo de novas configurações.

O *jangadeiro* poderia ser ainda nomeado artista-etc.⁵, que é aquele que se conhece mais pela dúvida do que pela especificidade de seu fazer, mais afeito a não definições, prefere o etc. ao artista. Não instala nem administra nada que não seja o mínimo ou, ainda, uma jangada, da qual faz habitação, margem, rio e fluxos; seus trânsitos em constante mutação.

A condicionante ‘o que faz de um sujeito um artista’ dá um salto em direção ao *jangadeiro* e fornece pistas de como um conjunto de qualidades bastante singulares traça minimamente um contorno. Um conjunto que junta a capacidade de invenção/imaginação, a experimentação, a desobediência, a generosidade, a dúvida, a prudência e a habilidade de acariciar o que escapa – o tempo, a vida, as coisas que se dão às jangadas mais do que aos navios. E a tentativa de dar forma a algo que já existe, mas que ainda está por fazer, se fazendo.

A este conjunto de qualidades chamaremos de *as forças capazes* de conduzir o passo incerto e hesitante de quem constrói territórios não tão claros e definidos.

³ F. Deligny. Jangada. *Cadernos de Subjetividade*, ano 10, n. 15, 2013, p. 90.

⁴ Amálio Pinheiro, nota de aula do 2º. Semestre/2013 no PPG de Psicologia Clínica, PUC/SP.

⁵ R. Basbaum. *Manual do artista-etc.* p. 21.

A capacidade vital de invenção/imaginação que é, apesar de tudo, desejar criar mundos, olhar para as brechas e convocar os possíveis.

A dúvida, o que se dava como sendo, apresentou-se diferente, e é preciso, então, duvidar.

A experimentação, carcaça dos possíveis, estrutura que permite a passagem pelas zonas de encontros intensivos⁶.

A desobediência, sempre. É pela desobediência que os estados corsários de um percurso desenvolvem a coragem de não pedir permissão⁷.

A generosidade. Possuir a qualidade da generosidade implica ter um pedaço de si no outro e do outro em si, de tal forma natural que ninguém desaparece e o conjunto de coisas dadas passa a ser uma movência, um entre. Um que se dá ao outro que recebe e o contrário também. A generosidade é a paisagem.

A capacidade de acariciar o que escapa – acariciar não é agarrar, tampouco apalpar. Um certo tipo de toque, de sensibilidade para o que está em plena deriva, a escapar.

A prudência – lembrar para esquecer. É pela prudência que se tateia ao invés de apalpar/agarrar. É a luz que se percebe com o olho fechado.

A *jangada-corsário* refere-se a um tipo/modo de invenção desse artista/jangadeiro: seus modos de imaginar, suas derivas de sensibilidade, seus modos de produção, os centros de atração de seus devires, a invenção de territórios, deslocamentos e pequenas paradas em forma de ancoragem.

O funcionamento de uma *jangada-corsário* depende de algumas qualidades de construção e condução. Embarcação leve, frouxa, é preciso não sobrecarregar de intenções e prerrogativas sob o risco de afundar. É fazer o melhor que se pode com o balanço do mar, das ondas (devires) e sobressaltos. Interessa o corsário na figura de um estado de coisas não submetido às leis e convenções em curso – seria a rede de resistência possível, criação de espaços possíveis. Espessando zonas de vizinhança, afinidades, afetos, constituindo um campo de relações; descarta-se provisoriamente a suposição do corsário na figura do roubo,

⁶ Anotação de aula a partir da fala da colega Luciana Tonelli.

⁷ Suely Rolnik, nota de aula do dia 28/11/2014 no PPG em Psicologia Clínica, PUC/SP.

pilhagem, pirataria – que tem a sua singular potência, se tratado pelo viés da contaminação, do não puro, de estados que se alteram e se afetam o tempo todo.

O *jangadeiro* se refere diretamente a “inventar-se como artista”⁸ em absoluto acordo com o devir. Artista-devir, devir-artista, devir-jangada, devir-corsário. Inventar-se como artista é poder ter a coragem de não pedir permissão, é executar a invenção pelas estranhezas das verdades, relativizadas em suas intenções. Transformar-se em artista pela ficção. Poder, a cada vez, fazer de novo e de novo e de novo. E sendo artista, não ser artista...

produzir arte hoje é operar com vetores de um campo ampliado. Um campo que se abre ao entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento, num panorama transdisciplinar, sem prejuízo de sua autonomia e especificidade enquanto prática de visualidade. A cultura como paisagem não natural configura o território onde se move o artista: sua ação transforma-se numa intervenção precisa ao mobilizar instabilidades do campo cultural (regiões da cultura que permitem problematizações, conflitos, paradoxos), por meio de uma inteligência plástica que torna visível uma rede de relações entre múltiplos pontos de oposição, onde o trabalho de arte é um dispositivo de processamento simultâneo e ininterrupto, e nunca uma representação destas relações.⁹

Na condição de jangada, corsário, jangadeiro e etc., busquei em outros o que queria saber de mim. A mais de 30 artistas lancei as perguntas: “O que é ser um artista hoje?” e “Como ser um artista hoje?” ao que juntei a indicação de que se deveria responder a uma ou a outra. Ao que veio, acrescentei muito pouco, o suficiente para que ganhasse linguagem-sentido. E de mim, tem tudo e tem pouco. Biografia/cartografia de um certo tempo/contemporâneo, um modo de viver e de produzir.

Carta, relato, descrição ou ficção, não importa.

Eu não sou artista, você sabe...

Eu lido com a dimensão simbólica da vida (o mesmo mundo que artistas e não artistas partilham) e não esqueço do sonho logo após acordar, esforço-me por nunca estar focado em objetivos determinados e nunca deixar de abrir espaço para

⁸ Termo emprestado do livro *Manual do artista-etc*, de Ricardo Basbaum.

⁹ R. Basbaum, op. cit. p. 27.

devaneios.

Dedico-me a reter a experiência do mundo de uma maneira particular e a tentar mostrar, através da construção sempre lenta de uma poética, essa visão. De certa forma, é como se o mundo não se mostrasse como algo dado, um cenário fechado, encerrado, sobre o qual se deve atuar – de preferência pragmaticamente, visando fins determinados. E sim, enxergar suas fissuras, suas faltas (de sentido, de lógica...) e, assim, tomar a possibilidade de recriá-lo. Tem uma coisa bonita nisso tudo, que é assumir o risco de uma tarefa sem fim, tanto no sentido de término quanto no sentido de finalidade.

Assim, atuar na esfera pública e coletiva dos afetos. Afeto no sentido do que nos afeta e, portanto, nos transforma, tira-nos do eixo pessoal, nos faz nos medir pelo tamanho dos outros (sejam esses “outros” pessoas, cachorros, pedras, postes, não importa).

Como fazer da atividade artística uma profissão atuante na esfera pública dos afetos sem deixar que estes sejam privatizados, padronizados, fabricados em série e pifem por obsolescência programada? Imagino que isso possa ser da ordem do gesto que já nasce gestualizado, sem muita possibilidade de uma verbalização convincente... Hoje, os modelos, as regras, as leis e as definições de “como ser” e “como não ser”, se “se é” ou “se não é” são ditados pelo capital. A quem recusa esse padrão, resta a errância de assumir-se singular. O que não quer dizer individualismo, pelo contrário, o “indivíduo” é que é produto do modelo capitalista; singular significa perceber-se um a partir do coletivo.

Tem mais a ver com ser o profissional que se recusa a profissionalizar o sensível. Há várias formas de ser *black block* na vida, né?

É também permitir sintonizar a relação ser/natureza/coisas na sua dimensão complexa, onde o paradoxo, a curiosidade, a reinvenção e a transformação de si próprio é componente fundamental.

E explorar o estado permanente de consciência alterada para comentar, desde a

perspectiva sensível da linguagem – molecular, corporal, oral, escrita, gráfica, tridimensional e temporal – a consciência de estar vivo. A perspectiva sensível da linguagem seria aquela que abre frestas e potencializa afetos outros.

Produzir açúcar e afeto, delírio, paixão, desespero, fantasia, terror, fascínio, loucura, precisão, muito erro; erro, erro, erro, erro, erro, erro, erro, error, error, error, terror, mirror, coffee, tea, milk, chocolate, a lot of chocolate, sex; sex change, exchange sex, move, move on, practice, tools, experiments, transformation, formation, morphing spectrum in between, in between hours I would like to try different stages of consciousness, try different states of body embodiment, experiment a rainbow of qualities for hypnotizing (who? toi même ou la fenetre?); se eu tivesse condições de prever seria porque parideira would have conditions to give birth to a beeeeeautiful child, beautiful stranger. Life is a mystery, with & without you.

Engagement, get engaged into something, dis-engage, re-engage, arrange, disarrange, re-arrange (several times).

Todo dia mesmo dia a vida é tão tacanha... quero um dick agora, microfone, pole dance, areia movediça, penetro obscuros meios de comunicação; injeto substâncias em meu próprio sujeito, sou fera, sou bicha, sou angel, sou mulher, sei que não devo arriscar tanto assim, sei que preciso começar algo aqui e além; tenho ganas de atirar uma pedra no meio do caminho; homem ao mar! navegar é preciso! Não sei se devo chegar a algum lugar, um raciocínio puro, puro mel da sua boca, próprio de minha autonomia, minha geração, minha coca-cola, minha cocaína, minhas substâncias, naturalmente produzidas, artificialmente injetadas; camaleonic, homophoneira, batmacumbante, ó patria amada retumbante, como ser artista iniciante, merendeira, quando devo começar algo novo, que ser artista no nosso convívio, que bobagem!

Fui atravessando mil blá blá blás. [love you soul]

Quero me ver livre do que ser artista representa. Ao mesmo tempo me dá possibilidades, eu posso inventar uma coisa que não existe, posso dizer que é um grilo. Ou um sapo e um chão que pula.... Engatei no "quanto antes" e acabei encontrando os *limbos do pacífico* num sebo perto de casa, fui lendo na travessia –

imagina o impacto! Porque a trilha sempre tem algo de naufrágio, de se conectar com o mundo, paisagens e pessoas, de uma maneira direta. E quando tem esse plano de fundo da romaria, as coisas ganham dimensões surpreendentes... E romaria que se preza é a pé, o cavalo não tem nada a ver com seus pecados! :)

Lembro de uma citação de um poeta chileno que dizia que só se pode ter certeza de que uma pessoa é um poeta depois de sua morte e quando se avaliar que o conjunto da obra tem significado. Claro que isso infere um julgamento, mas acho bonita a ideia de viver a vida construindo uma obra sem se preocupar em dar autonomia aos fragmentos porque ele é parte de um todo (o que acaba com essa onda novidadeira em que a arte se aproxima da moda, tem que ter coisa nova no mercado a cada estação).

Recorro a Dalcídio, um escritor que conheci numa viagem a Belém, e que assim dizia:

"Para um escritor pobre, que vende mil a mil e quinhentos exemplares, sem vagares e ócios remunerados, o esforço é, às vezes, de desesperar de tão braçal e tão de graça, mas é ao mesmo tempo uma delícia, uma forma de satisfeita revolta contra o magro ganha-pão, o sucesso fácil, a cômoda posição pessoal no mundinho. Olho as pastas, os cadernos, o que tenho ainda a escrever, a domar, é um barro bruto a quantidade... Desanima. E logo fascina, dá o êxtase da concepção – de que falava Balzac – volto à febre, numa espécie de severa e minuciosa ambição de levantar um quadro, pelo menos extenso, de trinta anos de Amazônia."

E o amigo Arina "... dou também razão a Samuel, quando diz que, na arte, a gente tem que ajeitar um pouco a realidade que, de outra forma, não caberia bem nas métricas da poesia." É que espontâneo e um desabafo. É trabalho sem ser, é complexo, é a vida.

Ao mesmo tempo eu duvidava disso tudo e olhava as montanhas da janela do ônibus, desde o começo do mundo. Acho que muito pouco mudou. A arte é talvez a natureza mais antiga do homem. Vem com a fome, ou o sexo. É ver que mundo é muito, muito lindo e amar tanto toda a beleza que existe a necessidade de querer também criar. O mundo é tão incrivelmente belo e a gente duvida de si o tempo todo. É pensar que

não é, e que é, e que não é. É lutar contra a dúvida – a sua própria e a do mundo em relação a você. É também aprender a entrar no fluxo – e depois, desaprender. O desespero do esquecer o caminho do fluxo. É o gozo no se lembrar. E também aceitar seu tempo e observar o tempo do universo, simultaneamente, eu acho... não sei. Desse jeitinho aí que eu falei, sendo e não sendo, dentro e fora do fluxo. Saindo e retomando, o tempo todo. Basicamente, eu não sei. Acho que é super treta. Tem de se ter muita, mas muita autodeterminação e simplesmente saber. Apesar de não ter sentido, muitas das vezes.

É muito doido isso. Doido ou doído? Tem a ver com amor, sabe? Seres que amam mesmo. Porque a frequência de atualização é constante. Ir encontrando, aqui, ali, onde for, formas de continuar. Por meio do amor, talvez? E não ser imune a nenhum tipo de beleza, observar as concatenações que elas provocam e não sair ileso delas, ao contrário, produzir.

Imagine-se numa pesquisa intensa de algo que é uma questão que te persegue e que você tem que ir atrás. Todo dia você pensa naquilo, mas não é por reconhecimento de algo ou que você precise ficar famoso para provar o quanto é especial, é apenas algo que você não entendeu sobre você mesmo ou sobre a vida e você vai ficar lá cavando um buraco pra tentar achar pistas. Um ossinho, depois outro e outro até juntar tudo e montar um esqueleto, e entender um pouco daquilo. Só que à medida que você vai encontrando, você vai mostrando o que você achou e aí começa um trabalho árduo daquele auto agenciamento que pode ser uma tortura – tortura que é também vestir uma pesada alegoria nas costas e ter que levar a alma para passear, tirá-la da gaiola. Ainda, muita esquiva, muito cuidado e muita meditação – para não ser pego por uma megamáquina da burocracia e da produtividade, para ser humilde e para desacelerar o real, ver mais fundo, ver melhor, cheirar melhor, comer melhor.

Tipo tradição oral... Antes da iluminação, cortar lenha e carregar água. Depois da iluminação, cortar lenha e carregar água.

Na prática, ser artista tem a ver com um modo ético de criar trabalho, pensar o fazer, pensar a relação e abrir a sensibilidade para misturas esquisitas, para mundos

diferentes se contaminarem.

Mas e por que eu saberia isso? Você me considera uma artista? De qual perspectiva?

Eu estava só tentando dar conta do que é o meu fazer – eu habito uma fronteira que é também o ponto antes do precipício e as coisas vão se desenvolvendo por aí. Estar com um pé na beira do precipício sem ter dúvida de que ali é o melhor lugar que poderia estar.

Não tem resposta fácil, não tem facilidade nenhuma – e talvez eu possa não ter condição de me lançar a essa convocação, ao que estas perguntas levam.

Você faz parte de um tipo de pessoa que poderia me devolver uma parte de mim mesma em uma paisagem ampliada – e sem saber como engatar nessa jornada sozinha, tive que pedir ajuda.

Eu também não sei. A figura do precipício – precipício pra mim tem a ver com uma sensação de abismo, que é o que convoca o meu corpo a elaborar um trabalho ou uma sensação de estar sempre na borda, no limiar ou na fronteira de algo e não no algo em si.

Tem a altura que é mesmo um ponto de observação, você está ali e consegue olhar pra baixo e o que está ali te atrai: vou me jogar, mas tem um pé que te puxa e, nesse jogo, nesse embate tem a vibração, mas se você se jogar ou se ficar com os dois pés dentro do território não vai ter essa sensação, a intensidade, a vibração.

E parece uma provocação, você está esperando que eu não saiba responder, que eu me recuse a responder como é ser um artista hoje ou o que é ser um artista hoje.

Não tem como medir. E é bom que não tenha, porque é desse lugar *da falta de medida* que ainda é possível proteger. Quando a gente hesita em responder – não foi cem por cento domesticado pela pergunta e nem por *ser artista hoje*.

E essa palavra é super tóxica, paralisa – a partir do momento em que se pronuncia a palavra *ser artista*, paralisa tudo o que poderia ter de vivo e de coisas em proliferação. Eu sinto tendo de dar conta dessa palavra e de tudo o que ela acarreta, então é melhor não. Melhor negar para sobreviver, porque tem que dar conta de muita coisa

– pra quem, pra que, fazendo o quê, onde e de que jeito? E pra que ficar sempre torcendo para alguém gostar de você? É melhor ter de dar conta de um tipo de vida do que um tipo de coisa.

Assim, eu me dedico a poder me dedicar.

Referências

BASBAUM, Ricardo Roclaw. *Manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELIGNY, Fernand. Jangada. *Cadernos de Subjetividade*, ano 10, n. 15, 2013.